



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

DEISE DA COSTA CRISPIM

**POLUIÇÃO SONORA NA ESCOLA: Perceber, apreciar, conscientizar e reciclar
sons para musicalizar**

FORTALEZA

2016

DEISE DA COSTA CRISPIM

POLUIÇÃO SONORA NA ESCOLA: Perceber, apreciar, conscientizar e reciclar sons
para musicalizar

Proposta Pedagógica apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal do Ceará, como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Arte.

Orientador: Prof. Dr. Marco Túlio Ferreira da Costa.

Fortaleza

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C949p Crispim, Deise da Costa.
Poluição Sonora na Escola : Perceber, apreciar, conscientizar e reciclar sons para musicalizar / Deise da Costa Crispim. – 2016.
43 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Marco Tulio Ferreira da Costa.
1. Poluição sonora. 2. Sons. 3. Musicalização. I. Título.

CDD 700

DEISE DA COSTA CRISPIM

POLUIÇÃO SONORA NA ESCOLA: Perceber, apreciar, conscientizar e reciclar sons
para musicalizar

Proposta Pedagógica apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal do Ceará, como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre em Artes. Área de concentração: Ensino de Arte.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Tulio Ferreira da Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Pedro Rogério
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Joandre Rodrigues Dias de Camargo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

O presente trabalho, representado por uma Proposta Pedagógica, toma como objeto de estudo a educação musical, no que se refere especificamente à musicalização, tendo como ponto de partida a poluição sonora. Para tanto, expõe, reflete, relata e propõe atividades relacionadas ao assunto, utilizando-o como recurso de percepção, apreciação, conscientização e aprendizagem musical, por meio dos sons. Com isso, aborda questões relevantes acerca da paisagem sonora, trazendo educadores musicais, tais como Schafer, Swanwick e Fonterrada, que dialogam e refletem sobre o processo de ensino aprendizagem da música. Concomitantemente, esse estudo apresenta um relato de experiência do ensino de música nas escolas municipais Professor Berilo Wanderley e Emília Ramos, no município de Natal, Rio Grande do Norte, a partir da poluição sonora, representada diferentemente em cada uma delas. As experiências vivenciadas, bem como as atividades desenvolvidas nesta proposta pedagógica, foram obtidas por meio de um projeto de pesquisa, numa abordagem qualitativa, na qual se utilizou materiais como gravações, filmagens, entrevistas de sondagem, atividades musicais teóricas e práticas, dinâmicas, dentre outros recursos pedagógicos, para construção e obtenção dos dados comprobatórios aqui descritos.

Palavras chave: Poluição sonora. Sons. Musicalização.

ABSTRACT

This work is represented by a pedagogical proposal and takes music education as object of study, as far as musicalization is concerned, and it also takes noise pollution as its starting point. For this reason, this work exposes, reflects, reports and proposes activities related to the subject, using it as a tool of perception, appreciation, awareness and music learning by means of sounds. It addresses relevant questions about the soundscape by bringing music educators, such as Schafer, Swanwick and Fonterrada, and by dialoguing and reflecting on the process of music teaching and learning. Concurrently, this work brings an account of music teaching in the following municipal schools: Professor Berilo Wanderley and Professora Emilia Ramos, in Natal, Rio Grande do Norte. The starting point of this account was the noise pollution, which was represented differently in each municipal school. The experiences and activities developed in this pedagogical proposal were obtained by means of a research project, in a qualitative approach in which materials such as recordings, films, interviews, theoretical musical activities and practices, dynamics were broadly used, among other teaching resources designed to construct and obtain corroborative data described herein.

Keywords: Noise pollution; Sounds; Musicalization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A PAISAGEM SONORA E A MUSICALIZAÇÃO – SCHAFER.....	14
3 RECICLAGEM DOS SONS – O INÍCIO DE TUDO.....	21
4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA: PERCEBER, APRECIAR, CONSCIENTIZAR E MUSICALIZAR!	24
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS.....	35

1 INTRODUÇÃO

No princípio era o verbo (som)...

(Bíblia Sagrada)

Falar sobre música nos remete a teorias, sensações, emoções, experiências, corpo, vida, e, dentre outras coisas, ao som. Ao tomar forma, transforma-se em uma das mais belas linguagens nascidas simultaneamente com o homem, evoluindo tanto quanto o mesmo.

“A música é a nossa mais antiga forma de expressão, mais antiga do que a linguagem ou a arte; começa com a voz e com a nossa necessidade preponderante de nos dar aos outros”. E da voz que se lança, o homem construiu, em seu desenvolvimento histórico, a música como uma linguagem artística, estruturada e organizada. Como uma forma de arte – cuja especificidade é ter o som como material básico -, caracteriza-se como um meio de expressão e de comunicação. (PENNA, 2012. p. 30)

O som presente no ambiente, antes de tudo, é presente em nós, na nossa formação, na nossa concepção, no nosso desenvolvimento e no envolvimento com o mundo, com as pessoas e, por que não, conosco, nas nossas mais simples expressões sonoras.

Ao analisarmos minuciosamente, quando somos gerados através da fecundação do espermatozoide com o óvulo, após uma relação sexual, o som já se faz participante dessa formação. Estende-se em todo o período gestacional, seja com o som da digestão da nossa mãe, do seu coração a pulsar, dos sons externos que chegam até nós, e, até no momento do rompimento da nossa proteção, do nosso invólucro, da nossa embalagem – a placenta. A respeito disso, Schafer (2001, p. 33 diz que “à medida que o feto se move no líquido amniótico, seu ouvido se afina com o marulho e o gorgolejo das águas”.

A partir desse momento, os sons são mais audíveis, mais próximos, mais fortes, mais extensos, fazendo-nos também produzir o nosso som de apresentação ao mundo sonoro – o choro! Sendo assim, somos mais um produtor ou compositor, podemos dizer, dessa sinfonia da vida.

Partindo dessa analogia, faço uma viagem nessa minha composição musical, na qual me recordo dos primeiros sons que deram início a essa minha construção e

organização sonora, que só se encerrará com uma barra dupla na minha pauta ou pentagrama, chamada vida, quando o último som parar de soar – o coração.

Nasci em primeiro de janeiro, dia de confraternização ocidental, em que todos comemoram a chegada do ano novo. A entrada do ano acontece em meio a festas, comemorações, músicas, risos, bebidas, comidas, aplausos, beijos e abraços, fogos, principalmente! Ou seja, um dia repleto de sons em todo o mundo. E foi justamente num dia bastante sonoro que eu me fiz presente neste mundo, sem a ajuda de médicos, aparentemente frágil e pequena, porém, bastante imponente num choro que mais parecia um miado, embora forte o suficiente para declarar vida.

Ao sair da maternidade e ao chegar em casa, já me deparei com música, pois meu pai era músico, militar, regente de banda e de coral de igreja. A música já me acompanhava durante toda a minha formação no útero da minha mãe, que ouvia constantemente, mesmo que involuntariamente, dobrados, marchas, hinos pátrios, toda qualidade de repertório militar, música instrumental, músicas a quatro vozes, enfim, música, música e mais música.

Sendo uma linguagem artística, culturalmente construída, a música – juntamente com seus princípios de organização – é um fenômeno histórico e social. (PENNA, 2012. p. 30)

Graças a isso, cresci ouvindo toda essa sonoridade que me fascinava e aguçava os meus ouvidos ao perceber vozes diferentes numa harmonia do coral, reconhecer timbres, sons e ritmos numa banda e orquestra. A partir disso, cantar a segunda voz numa música, para mim, era simplesmente como achar peças de um quebra cabeça e montá-lo minuciosamente, encaixando peça por peça, porém com a leveza de uma brincadeira. Olhar o meu pai regendo uma banda de música e um coral era muito mais que divertido, pois eram nesses gestos e movimentos que eu brincava com o jogo da imitação.

Também fazer parte da igreja evangélica fez com que eu vivenciasse a música além da minha casa, participando de forma coletiva de grupos vocais, desde a infância até a vida adulta. Durante a adolescência cursei a teoria musical no curso de musicalização na Escola de Música da UFRN e aprendi a tocar clarinete na escola de música da igreja, fazendo parte da banda de música logo depois.

Ao terminar o Ensino Médio em uma escola pública, veio em seguida o vestibular com uma infinidade de cursos, cada um com os seus atrativos e promessas de futuro promissor, que era o ideal de pais e filhos mesmo naquele tempo, em 1997.

Porém, para mim, o futuro promissor estava no curso de Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Música – assim denominado naquela época. O meu pai, meu grande ídolo, a quem eu imitava e idealizava ser igual, foi o primeiro a me desencorajar quanto à minha escolha, perguntando inclusive como eu pretendia sobreviver nessa profissão. Eu, muito determinada e convicta da minha decisão, que desde criança já havia se evidenciado através das brincadeiras em que minhas bonecas, apáticas e inertes, assistiam às minhas aulas, não titubeei ao saber que durante quatro anos e meio eu adquiriria conhecimento e no final o título de professora de Artes/Música. Seria uma missão árdua, mal remunerada, sem muito reconhecimento e respeito, a saber, muitas vezes até solitária para o professor comprometido com a sua função e, na maioria das vezes, sem retorno não só financeiro como também em outros sentidos.

Ao terminar a graduação, fiz concurso público para o cargo de professora de Artes/Música, na Prefeitura Municipal de Natal. Fui aprovada, assumi e trabalhei em uma escola com turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais (6º ao 9º ano), não tendo qualquer dificuldade, por sentir bastante empatia com a faixa etária (11 a 16 anos).

Fiz o segundo concurso, sendo aprovada e chamada para assumir a segunda matrícula, porém numa realidade totalmente diferente da que estava habituada, a começar pelo nível, Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º ao 5º ano). Ao contrário da minha experiência anterior, estes alunos eram totalmente dependentes e a minha metodologia obrigatoriamente teria de ser diferenciada. Outro ponto bastante relevante era a escola estar localizada numa área bastante crítica em relação à criminalidade, violência e uso de drogas. Foi uma favela antes da urbanização, porém ainda carregando o estigma e rótulo de “Favela do Japão”, lugar tão temido por todos, principalmente para se trabalhar.

Porém, o fator mais importante, expressivo ou relevante, pode-se assim dizer, é a localização da escola ao lado da linha do trem, recebendo toda a carga sonora desse meio de transporte. Ao passar, estremece paredes, carteiras, objetos, e, acima de tudo, traz a quilômetros de distância o seu apitar estridente, num ecoar pontual que se faz presente de 30 em 30 minutos. Além das questões citadas acima, a escola, por ser de

pequeno porte, tinha apenas seis turmas, havendo duas aulas de Artes para cada uma por semana. Assim, seria necessário preencher a carga horária de 20 horas semanais, com 04 horas de projeto, já que 12 horas eram em sala de aula e 04 horas de planejamento.

Com isso, a partir da minha entrada na escola, foi desenvolvido o projeto de Canto Coral, como complementação da carga horária. Para isso, dei início a um plano de musicalização e educação vocal, combatendo a poluição sonora. Utilizando os sons presentes no ambiente no processo de sensibilização musical, aplicado durante as aulas de Artes em todas as turmas (já que o coral era composto por alunos de toda a escola, sem exceção, que quisessem participar do mesmo), objetivava um refinamento auditivo dos sons, facilitando a expressão vocal por meio do canto. Assim como a afinação, a expressão corporal, a desenvoltura no palco, a dança, os movimentos coreográficos, dentre outras coisas, as quais serão detalhadas no decorrer deste trabalho, em um dos capítulos, em que narro sobre o Projeto “Reciclagem dos Sons: uma possibilidade de musicalização”, desenvolvido a partir dos sons presentes no âmbito escolar – interno e externo, do qual originou este projeto pedagógico em pauta.

No entanto, surgiu a necessidade de musicalizar-se, independente da paisagem sonora que compunha a escola, levando em conta o compromisso da educação musical como direito de todos. Sobre isso, a fala de Maura Penna enfatiza sua importância quando diz:

Em nossa proposta de musicalização, o partir da realidade musical vivenciada pelo aluno é inseparável de sua abordagem crítica, direcionada para a compreensão de suas riquezas e limites, passo necessário para criar o desejo e a possibilidade real de expandir o próprio universo de vida. Para que o aluno possa sair do gueto musical em que vive, é preciso construir pontes sobre o fosso que o cerca, levando-o o mais longe possível. Essas pontes precisam estar apoiadas sobre a sua vivência real cotidiana – que deve ser considerada não apenas sob o aspecto musical –, ou lhe faltarão os meios para alcançá-las e caminhar sobre elas. (PENNA, 2012. p. 47)

No ano de 2014, pedi remoção da outra escola, também municipal, na qual eu trabalhava com o Ensino Fundamental – Anos Finais (6º ao 9º ano), por ser distante da minha casa, dificultando minha locomoção e cumprimento do horário. Sendo transferida para uma escola mais próxima à minha residência, mais uma vez me deparei com o Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º ao 5º ano), com alguns problemas semelhantes aos da escola Berilo Wanderley e ainda outros, totalmente distantes e peculiares.

Por motivo de acúmulo de cargos, precisei pedir exoneração de uma das matrículas da rede municipal de ensino, ficando apenas com duas matrículas: Município e Estado. Sendo a matrícula mais recente a da Escola Municipal Professor Berilo Wanderley, foi dela que me afastei, encerrando assim o projeto antes do prazo previsto. Porém, na escola municipal na qual optei ficar, a Escola Municipal Professora Emília Ramos, dei início ao mesmo projeto, no entanto utilizando ferramentas diferenciadas. Afinal, a poluição sonora existia, mas o causador do problema já não era o trem e sim os próprios alunos.

Na escola municipal Professora Emília Ramos, situada na rua Dantas Barreto, 419, bairro Cidade Nova – Natal/RN, encontrei uma realidade diferente, pelo menos no quesito estrutura física. A escola impressiona pelo seu tamanho, dispondo de 12 salas de aula (no térreo e no primeiro andar), sala de direção com 1 banheiro, sala de professores com 2 banheiros, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado, biblioteca, cozinha, despensa, sala de secretaria, almoxarifado, banheiros com chuveiro e adequados a alunos com necessidades especiais, estacionamento, pátio coberto e um pequeno palco. Além de todos esses pontos positivos, a escola, que comporta 850 alunos, se destaca na Secretaria Municipal de Educação. É uma referência devido a sua organização e ótimo funcionamento, como também pelo grupo de professores capacitados, comprometidos e bem informados politicamente que a compõe. Porém, mesmo com algumas vantagens em relação ao Berilo Wanderley, o Emília Ramos enfrenta os mesmos problemas, sendo ainda em maior proporção, por causa do seu tamanho, como também da quantidade de alunos que recebe. Ambas não têm uma quadra de esporte, ficando o espaço físico destinado ao “recreio ou intervalo”, bastante pequeno, causando aglomeração e agitação nos alunos. Outro problema comum às duas escolas e bastante preocupante é a poluição sonora, presente durante a entrada dos alunos, durante as aulas, intervalo (principalmente), finalizando com a saída dos mesmos para casa.

Esta proposta pedagógica, que tem por tema “*Poluição Sonora na Escola: perceber, apreciar, conscientizar e reciclar sons para musicalizar*”, surgiu a partir do problema real e comum que compõe a paisagem sonora das referidas escolas. Porém, apresenta-se de forma diferenciada: em uma escola a poluição sonora é permanente e contínua, dentro da sua paisagem sonora; em outra, a poluição é contínua, mas pode ser modificada.

Nós, professores de Artes, independente da linguagem, bem sabemos das dificuldades enfrentadas a partir da nossa escolha pela profissão de docente, principalmente quando aliada à área de conhecimento das Artes. A nossa sina continua quando nos deparamos com a hostilidade de alguns colegas - das respectivas áreas consideradas como mais importantes, como português, matemática (dentre outras) - se estendendo aos alunos, que acreditam que a disciplina não reprova e que se resume apenas a brincadeiras e desenhos (herança deixada por alguns colegas de profissão).

Ana Mae Barbosa a respeito disso acrescenta que:

No ensino da arte, muitas pessoas passaram a acreditar que a autoexpressão abrange todo o universo da arte, especialmente para as crianças mais novas. Muitos professores parecem acreditar que eles devem deixar as crianças se expressarem e dessa forma seu compromisso de ensino já está realizado. O que eles esquecem é que toda expressão tem conteúdo, mesmo que ela pareça referir-se primeiramente à própria arte. Para se expressar você deve expressar alguma coisa (BARBOSA, 2005, p. 41).

Gostaríamos que as dificuldades se resumissem apenas às problemáticas citadas acima. Porém, ao nos depararmos com a realidade das escolas públicas, somos obrigados a lidar geralmente com a falta de estrutura, de espaço físico, do apoio dos gestores, a indisciplina, falta de materiais e livros pedagógicos, violência, o uso de drogas e entorpecentes, gravidez na adolescência, ausência da família no acompanhamento escolar, entre outras dificuldades. Além disso, há inúmeros problemas que permeiam a nossa prática, como por exemplo, tirar um momento do nosso ínfimo tempo de aula para interromper brigas, conversar, orientar, aconselhar, impor limites, ou simplesmente ouvir o que os alunos têm a dizer a respeito de uma morte na rua, um assassinato de um parente, a ausência do pai ou da mãe que estão presos em uma cadeia, ou a agressão do pai na mãe, grávida do seu quinto filho, o abuso do padrasto. Enfim, realidades que nos chocam e nos abalam não somente como professores, mas como seres humanos que somos, além de pais, tios, avós. É diante dessa realidade que nos damos conta da carga emocional que essa profissão nos reserva.

Como professora de Artes também no Ensino Médio e no Ensino Fundamental (Anos Finais) foi justamente no Ensino Fundamental (Anos Iniciais) que me deparei com a prova de fogo – de resistência física, psicológica, emocional – ao ter que lidar com tudo isso e mais um pouco. É importante ressaltar também que a experiência

adquirida, desenvolvida, vivenciada, como prática, aliada a todo o conhecimento teórico e acadêmico, trouxe ganhos jamais adquiridos anteriormente.

Nesse projeto pedagógico, realizado nas escolas municipais Professor Berilo Wanderley e Professora Emília Ramos, trago o problema da Poluição Sonora, presente em ambas. Apresentando-se diferentemente em cada uma, num contexto educacional musical, discorreremos a respeito dessa realidade que se mostra comumente nas escolas, trazendo prejuízos à saúde, ao comportamento e à aprendizagem dos alunos. Com base nessa vivência presente no nosso cotidiano, bem como no objetivo de se educar musicalmente os alunos, surgiram no decorrer da nossa trajetória alguns questionamentos, tais como: a musicalização ou o ensino de música começa a partir da conscientização a respeito da poluição sonora, resultando na despoluição? A partir da despoluição sonora é possível reciclar esses sons e transformá-los em educação musical? É possível musicalizar, quando não se pode modificar a paisagem sonora do lugar? Pode haver musicalização partindo do repertório musical e cultural dos alunos?

Sabemos que a nossa paisagem sonora passou por inúmeras transformações a partir da Revolução Industrial, seguida pela Revolução Tecnológica. Se analisarmos bem, toda espécie de revolução é ruidosa, é sinônimo de movimento, enfim, é transformadora. Até o próprio silêncio é capaz de provocar uma revolução!

O músico, compositor e pesquisador do universo sonoro, o canadense Murray Schafer, dispõe de uma proposta inovadora de musicalização a partir da paisagem sonora, independente da habilidade musical do aluno, de faixa etária, classe social, sexo ou etnia. Trouxe-me, por intermédio das experiências contidas em suas obras, reflexões e orientações a respeito da Prática da Educação Musical, que me serviram como um norteamento no desenvolvimento dessa proposta pedagógica.

A respeito do som do trem, Schafer (2001) comenta que a primeira estrada de ferro foi a linha de Stockton a Darlington, na Inglaterra, em 1825, destinada a transportar carvão das minas para os canais. O sistema ferroviário a partir daí desdobrou-se rapidamente pela Europa e pelo mundo. Ainda sobre o trem, acrescenta:

Em comparação com os sons dos transportes modernos, os dos trens eram ricos e característicos: o apito, o sino, o lento resfolegar das máquinas na partida, acelerando repentinamente enquanto as rodas deslizavam e, então, diminuindo novamente, as súbitas explosões do vapor ao escapar, o guincho das rodas, o entrecocar-se dos vagões, o estardalhaço dos trilhos, a pancada contra a janela quanto outro trem

passava na direção oposta, eram todos ruídos memoráveis (SCHAFER, 2001, p. 120).

Sabemos que o trem, assim como outros meios de transportes, evoluiu, modernizou-se e deixou a função de apenas transportar cargas, para servir como um dos meios de transportes mais utilizados em nosso país, com um custo relativamente baixo para os seus inúmeros usuários. No entanto, o seu som característico nos trilhos, bem como o seu apitar, continuam compondo a paisagem sonora pelo mundo a fora, embora até isso tenha sido modificado também com o tempo e tecnologia.

Em Natal-RN, o ensino de Artes é dividido por linguagens, sendo cada uma estudada especificamente em cada ano escolar. Ou seja, 1º e 2º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, estuda a linguagem das Artes Visuais; 3º ano – Música; 4º ano – Dança; 5º ano – Teatro. Seguindo a mesma sequência no Ensino Fundamental – Anos Finais – 6º ano – Artes Visuais; 7º ano – Música; 8º ano – Dança; 9º ano – Teatro.

Como professora da rede estadual e municipal, sigo essa orientação determinada pela Secretaria Municipal de Educação (SME) nas escolas municipais em que leciono. Desse modo, a escolha das turmas de 3º ano, como meu objeto de pesquisa e aplicação da proposta pedagógica seguiu o componente curricular de Artes, com as suas linguagens específicas, bem como os seus conteúdos, ou seja, educação musical para o referido ano de escolaridade.

Portanto, essa é apenas uma introdução que nos situa a respeito dessa árdua viagem, embora prazerosa e gratificante, que aqui será descrita nesse projeto. Esse estudo fez com que eu percorresse caminhos nunca antes trilhados, porém descobertos na prática, na vivência, na experiência, que só a educação musical por meio dos sons, me fez viajante.

2 A PAISAGEM SONORA E A MUSICALIZAÇÃO – SCHAFER

O início do século XX surgiu com um caráter mais experimental, trazendo certo rompimento com as teorias e filosofias, no que tange também a educação musical, instigando assim o interesse pela pesquisa na descoberta de novos sons que pudessem se incorporar à música, o que originou a composição musical contemporânea.

A música passava a vislumbrar uma grande transformação estética, provocando uma inovação no seu fazer, entender e, sobretudo, no seu vivenciar. Transformação paradigmática que chamamos de revolucionária, quando vemos a notável mudança da música, não só no aspecto artístico, mas principalmente nas propostas indicadas por estudiosos da área nos atuais documentos que orientam o ensino de música para o contexto educacional.

De acordo com Loureiro (2003 p. 191), a educação musical vive um momento singular, esforçando-se ao longo dos anos para ser legitimada diante das instituições educacionais e da sociedade brasileira. Tal aspecto se faz notório a partir das novas metodologias e métodos desenvolvidos por educadores e músicos, preocupados e envolvidos na causa educativo-musical.

A proposta de uma Educação Musical Ativa incorporou-se no início do século XX, com o surgimento dos Métodos Ativos em Música, envolvendo a prática musical antes do conhecimento teórico, visando a aprendizagem dos alunos por meio da vivência e participação ativa. Destacamos alguns representantes desses métodos, como Jaques Dalcroze (1865-1950), Carl Orff (1895-1982) e Edgard Willems (1890-1978).

A partir da década de 1970, acontece com ênfase uma educação musical pautada na construção do conhecimento, na qual o professor utiliza da criatividade do aluno para esse fim. Surge então uma segunda geração de educadores musicais empenhados na valorização da criação, improvisação e exploração dos sons, denominado por Gainza (2003) como a “geração dos compositores”. Esse período entre 1970 e 1980 foi denominado pela autora como o período dos métodos criativos.

Essa geração é representada por George Self, Brian Denis, John Paynter, e principalmente Murray Schafer, trazendo experiências pedagógicas com a sensibilização pela escuta e desenvolvimento da curiosidade sonora dos estudantes, como parte de um processo de aprendizagem musical.

Sabemos que a nossa paisagem sonora tem se modificado continuamente. A cada dia sons novos são criados, descobertos, outros transformados, reinventados. Assim como a Revolução Industrial mudou a paisagem sonora, os hábitos, a rotina, marcando uma época, hoje, a revolução tecnológica vem se intensificando e contribuindo também na mudança da nossa paisagem sonora através de objetos, instrumentos. Modificando, inclusive, a prática educativa musical, pois a escola, assim como outras instituições que compõem o nosso meio, foi afetada.

Cada vez mais escolas são construídas em lugares inusitados e inadequado, de forma que alcance um maior número de alunos, mesmo que as condições que dificultam à prática da educação do docente, como também muitas vezes o aprendizado dos alunos. Basicamente, essa é uma situação comum no nosso país, nos grandes e pequenos estados, cidades, vilarejos, comunidades.

É comum encontrarmos escolas próximas a bares, feiras livres, aeroportos, circos, igrejas, lojas, estádios de futebol, shoppings, fábricas, ruas e avenidas movimentadas, dentre outros locais, e claro, perto da linha do trem, caso específico da Escola Municipal Professor Berilo Wanderley.

A referida escola foi construída há 35 anos, próximo ao Rio das Quintas, da Feira do Carrasco e da linha do trem, numa favela chamada Japão, bastante conhecida e divulgada pela mídia como uma localidade perigosa, com mortes frequentes devido ao tráfico de drogas, prostituição, assaltos, roubos, combates entre policiais e bandidos. Com o passar dos anos, a favela foi urbanizada, as ruas foram pavimentadas, passou a ter acessibilidade por meios de transporte como ônibus, vans, contribuindo para transformar além da paisagem visual e a paisagem sonora, conseqüentemente.

A Escola Municipal Professor Berilo Wanderley sempre teve como clientela alunos da própria comunidade, alcançando várias gerações. Durante todo esse tempo, muitos acontecimentos marcaram a escola, como assassinatos de alunos pela polícia, por rivais e até entre ex-alunos, colegas de classe.

No entanto, em meio a todos esses contratempos, a escola sempre ofereceu além de uma boa educação, profissionais qualificados e comprometidos, assistência médica e social, por meio de parcerias. Sempre preocupada com o bem estar dos estudantes, não só intelectualmente, como também fisicamente, a escola dá atenção principalmente ao que diz respeito à alimentação: a merenda escolar, que continua sendo um dos atrativos e estímulos à assiduidade dos alunos.

Em relação ao fator de exploração sonora, podemos dizer que a escola está posicionada em um lugar privilegiado devido a sua edificação próxima à linha do trem, que do ponto de vista musical, representa um subsídio aos conteúdos, levando às descobertas e construções de conhecimentos.

Foi motivado pelo desequilíbrio sonoro, provocado pela Revolução Industrial do século XIX, com a presença das máquinas e motores, da eletricidade, das fábricas e da acelerada urbanização, que o compositor e educador musical Murray Schafer sentiu a necessidade urgente de pesquisar o som e sua influência na vida do homem. Além disso, investigou sobre as alterações causadas na paisagem sonora (*Soundscape*), buscando uma sensibilidade auditiva do ser humano e sua consciência plena na procura por uma melhoria na qualidade dos sons, ou seja, na “paisagem sonora mundial”.

O projeto criado por Schafer, chamado “*The World Soundscape Project*”, possuía caráter de estudo multidisciplinar a respeito dos sons do ambiente, suas características e mudanças no decorrer do tempo e as consequências que essas modificações trouxeram à população ou comunidade.

De acordo com Schafer (2011), no passado, as pessoas pensavam menos na intensidade dos sons, provavelmente porque havia uma quantidade muito menor de sons brutalmente fortes em suas vidas. Foi somente após a Revolução Industrial que a poluição sonora veio a existir como um problema sério.

Nesse sentido, a proposta de Schafer vem trabalhar

[...] sons da natureza, sons da neve, da água, do fogo, som de sinos, sons do luar, sons inusitados, sons do cotidiano. Schafer resgata os sons que não ouvimos mais ou por terem desaparecido, substituídos pelos sons progressistas das novas invenções, ou por estarem tão arraigados ao nosso dia a dia que já não são mais percebidos atentamente, pois fazem parte do pano de fundo que constitui o nosso cenário ambiental, sons que fazem parte da enorme massa que hoje compõe o universo sonoro contemporâneo (FONTERRADA, 2008, p. XIV).

Partindo desses pressupostos, Schafer surge com propostas simples, inovadoras e eficazes, voltadas para uma educação musical, em que sugere o uso do som e suas qualidades. Fornece também sistemas de notação de fácil assimilação e compreensão, apontando com isso uma sensibilização humana à paisagem sonora e, a partir daí, para um processo de musicalização.

Numa junção das propostas de musicalização sugeridas por Schafer, dos conteúdos voltados ao ensino de música, orientados pela Secretaria Municipal de Educação, bem como pelos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), demos início ao projeto de musicalização ou ensino de música ao terceiro ano do Ensino Fundamental, tendo por objetivo principal a sensibilização musical a partir da poluição sonora, causada pelo trem, principal referência da paisagem sonora daquele lugar, como uma possibilidade de educação musical.

Os conteúdos foram selecionados conforme as propostas sugeridas por Schafer, levando-se em conta o contexto em que os alunos estão inseridos, faixa etária, linguagem da arte determinada ao ano de escolaridade (música). Sendo assim, os conteúdos aplicados foram: o som, percepção e apreciação; os parâmetros do som: altura, intensidade, duração e timbre; Poluição Sonora: quais são as consequências e como evitar sua propagação na escola; notas musicais; escala ascendente e escala descendente; pulsação; Ritmo, Melodia e Harmonia.

Todos os conteúdos tinham o intuito de obter uma maior exploração e aproveitamento dessa ferramenta sonora – o trem – por meio de objetivos específicos, tais como: a escuta do som do trem (maior causador da poluição sonora na escola), da sua vibração nos objetos e paredes, explicando o seu processo físico e propagação; a classificação dessa sonoridade conforme os parâmetros do som (altura, intensidade, duração e timbre); diminuição da poluição sonora na escola, evitando gritos e ruídos, já que com o trem não se podia evitar a poluição, mas tirar proveito da sua sonoridade, estudando-a e adaptando-a aos conteúdos.

Como procedimento metodológico de investigação, utilizamos o tipo de pesquisa exploratória de ordem qualitativa, pelo fato de se trabalhar melhor na obtenção de dados e informações. Segundo Barros e Leheld (apud Dalbério e Dalbério, 2009), as pesquisas exploratórias buscam o aprimoramento das ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é flexível e envolve técnicas como: levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos para estimular a compreensão.

Buscando uma maior compreensão sobre o sentido qualitativo da pesquisa, Chizzotti coloca que

[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o subjetivo, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo

indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, [...] está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

O projeto de pesquisa foi iniciado no ano de 2015, logo no início do ano letivo, partindo a princípio de uma sondagem sobre a paisagem sonora da escola, no ambiente interno. O objetivo da sondagem era identificar quais sons permeavam as aulas e se faziam mais presentes. Feita a sondagem dos sons dentro da escola, partimos para a percepção dos sons externos à escola, porém bastante audíveis e incômodos.

Como os alunos das turmas em que foi desenvolvido o projeto vinham do 2º ano (nível em que a linguagem estudada era Artes Visuais), conteúdos como som, sonoridade, poluição sonora, percepção sonora, dentre outros ligados ao sentido audição, “soava” estranhamente. Para isso, introduzimos a linguagem da Música, por meio dos sons, de forma sutil, numa junção das duas linguagens, utilizando recursos como o desenho, a pintura, como também a expressão corporal e facial, envolvendo a Dança e o Teatro, confluência das Artes.

A primeira etapa foi de percepção, apreciação, sensibilização, conhecimento e conscientização acerca da paisagem sonora que compõe a escola e que nos proporcionaria, durante o ano letivo, através dos conteúdos, atividades e experiências, o contato com a Música como área de conhecimento, tão importante na formação do indivíduo, não só no aspecto intelectual, mas também social, afetivo, emocional, enfim, na sua totalidade como ser humano.

De acordo com Hans Günther Bastian:

A educação musical, em todas as possíveis verificações de transferência, existe para, em indiscutível e primeiríssima linha, oferecer às crianças a oportunidade de experimentar a música emocionalmente, com todos os sentidos e com alegria e, dadas as possibilidades, auto exercitar-se no canto, na dança, na execução de um instrumento musical, em (grupos de) improvisação, na criação de trilhas sonoras, na encenação, na meditação, nos jogos interativos e comunicativos e em muitos outros campos técnicos de experiência e de aprendizagem, a fim de, com isso, desenvolver suas predisposições e capacidades musicais. A educação musical serve também para o futuro desenvolvimento da capacidade de percepção (musical), contra o imperialismo da imagem, da música e do barulho de nossos dias, narcotizante e arruinador dos sentidos, pois a música é, como se sabe, a única disciplina auditiva nas escolas. Trata-se também do futuro desenvolvimento de uma abertura musical e capacidade de experiência etc., também para aquela música que, nas culturas musicais juvenis,

frequentemente é transformada em tabu mediante o estigma do privilégio da educação; trata-se do desenvolvimento da capacidade de expressão musical como uma partilha de sensações e emoções, como uma oportunidade para a comunicação músico-social contra a tendência do crescente individualismo, para o desenvolvimento da capacidade de composição musical, para uma compreensão de mundo e de si mesmo, com o auxílio de uma introdução à cultura musical (BASTIAN, 2009, p. 46, 47).

Visando os objetivos já descritos, as atividades desenvolvidas foram:

- Escuta e percepção dos sons dentro e fora da escola;
- Registro dos sons por meio do desenho, retratando a paisagem sonora;
- Registro dos sons fortes e fracos; agradáveis e desagradáveis;
- Registro do som mais forte, mais duradouro, mais visível (por meio das

vibrações) e mais incômodo – O TREM!

Como o trem já havia sido detectado por eles como a fonte sonora mais audível no bairro, na escola, na sala, nas aulas, demos início aos conteúdos da disciplina, utilizando como personagem ou ferramenta principal o referido meio de transporte.

Passamos então a aguardar a vinda do trem e, logo que o mesmo apontava ou apitava de longe, o nosso primeiro exercício era de abaixar a cabeça e encostá-la na mesa, fechando os olhos e sentindo a vibração e o som provocados pelo movimento do trem nos trilhos. Uma apreciação, tal qual o ato de degustar um alimento que se ingere diariamente, porém nunca saboreado de modo tranquilo.

Com isso, foi despertada também a curiosidade a respeito do trem como meio de transporte, da sua importância para comunidade, do seu funcionamento, como também a respeito do responsável por fazê-lo se movimentar sobre as linhas – ou seja, o maquinista.

Tendo as curiosidades satisfeitas, as informações adquiridas e os conhecimentos apreendidos, iniciamos o conteúdo das Propriedades do Som: altura (grave/agudo), intensidade (forte/fraco), duração (curto/longo) e timbre, utilizando a sonoridade do trem. Criamos registros gráficos para a classificação dos sons com base nos parâmetros a seguir, utilizando setas indicativas e distintivas das propriedades sonoras. ALTURA: seta para baixo – som grave; para cima – som agudo; INTENSIDADE: seta escura – som forte; clara – som fraco; DURAÇÃO: seta pequena – som curto; grande – som longo; TIMBRE: seta preenchida com uma cor – cores primárias (vermelho para voz de menina; azul para voz de menino; amarelo para voz de adulto); cores secundárias (verde

para instrumentos musicais de sopro; laranja para instrumentos musicais de corda; roxo para instrumentos musicais de percussão). Para o estudo do timbre, criamos estórias e na medida que iam sendo contadas, eram ilustradas conforme as cores representativas dos sons acima citados. Por exemplo: *“Alice (vermelho) era uma garota muito estudiosa e esperta. Seu pai (amarelo) colocou-a para estudar flauta (verde) numa escola de Música, junto com o seu irmão (azul) Pedrinho. Porém, seu irmão, quando viu uma bateria (roxo), lá no canto da sala de aula, não contou conversa, correu e pegou as baquetas para tirar todos os sons possíveis, naquilo que parecia mais um edifício aos olhos dele. Os sons fortes da bateria logo foram diminuindo, ao serem ouvidos, harmoniosamente, dedilhados de um violão (laranja) na sala ao lado...”*.

Utilizando os sinais gráficos (setas) acima citados, fizemos ditados sonoros utilizando a voz reproduzindo o apito do trem (“Piuí”), classificando os sons e diferenciando cada um de acordo com as suas propriedades.

O movimento do trem nos trilhos foi associado simbolicamente ao RITMO e reproduzido por meio de palmas, marcando a pulsação. O apito do trem foi vinculado à MELODIA e cantado ou assobiado. A passagem de dois trens ao mesmo tempo foi associada à HARMONIA e exemplificada através de um teclado, quando eu tocava duas notas simultaneamente e, em seguida, a turma as reproduzia, dividida em dois grupos e cantando os sons da nota Dó e Mi, com a letra – “Lá vem o trem, piuí...”. Além disso, os vagões do trem receberam nomes e sons – Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si.

Dessa forma, houve um estímulo a concentração sonora, o TREM passou a ser visto de forma significativa, lúdica e musical, durante as nossas aulas de Artes – Música, por cada vibração produzida, por cada apito ouvido. A partir de então, sua passagem era aguardada ansiosamente pelos alunos.

Como ouvir música é uma atividade cotidiana do ser humano, ela encontra-se presente em vários momentos do dia a dia: seja nas rádios, na televisão, na igreja, dentre outros lugares, podemos assim dizer que essa arte é integrante da nossa vida. Conseqüentemente, essa música que nos acompanha na rotina de lazer, diversão, religião, se estende também ao nosso espaço de trabalho e de estudo, como a escola.

Podemos perceber, claramente, na prática, o quanto a música e a escola são indissociáveis. Normalmente a sua presença dentro da instituição escolar está quase sempre ligada à diversão e ao entretenimento. É através dela, na escola, que os alunos demonstram a sua identidade, seus gostos, suas preferências, seus ídolos, estilo de vida,

culturas, e, com isso, se inserem e se afirmam entre os diversos grupos existentes. Podemos até dizer que essa arte funciona como um cartão de apresentação, pois acaba de certo modo refletindo um pouco da personalidade de cada um, facilitando ou dificultando a sua inserção em determinados meios sociais.

Desde o Ensino Infantil, a base da nossa educação escolar, deparamo-nos com a música vocal, cantada coletivamente. Cantamos para as Boas Vindas, para o Dia, para o Lanche, para Deus, para cada data comemorativa (Dia das Mães, Pais, Páscoa, Independência, Natal...), enfim, aprendemos a cantar em grupo na escola.

3 RECICLAGEM DOS SONS – O INÍCIO DE TUDO...

Para que este projeto de pesquisa fosse desenvolvido, aplicado e transformado num projeto pedagógico, tivemos inicialmente outro projeto realizado anteriormente na mesma escola, denominado “Reciclagem dos sons: uma possibilidade de musicalização”, acontecido no ano de 2012.

Este projeto já havia sido pensado, idealizado, estruturado, porém ainda não tinha nascido como prática. A necessidade de usá-lo surgiu quando assumi a segunda matrícula como professora efetiva da rede municipal de Natal, na escola do nível Fundamental I (1º ao 5º ano), Berilo Wanderley. Toda a minha experiência docente, desde o ano de 2006, era voltada para o Ensino Fundamental II, nível de ensino ao qual dedicava bastante empatia e apreço.

Diante dessa situação inovadora e desafiante em que eu me encontrava (trabalhar com crianças e não adolescentes), fui envolta por sentimentos de medo e angústia, por não saber ao certo o que me esperava ou estava por vir. No entanto, apesar de dispor de conhecimentos teóricos e metodológicos, ainda não tinha tido o contato com o principal: o sujeito-aluno, para assim então poder planejar conteúdos e atividades.

Logo esse contato aconteceu, um dia após a minha apresentação na referida escola. Deparei-me então com alunos produtivos, inteligentes, criativos, mas também indisciplinados. Indivíduos tão pequenos, no entanto, já sobrecarregados de problemas e experiências de violência, com estórias de vida marcantes e, muitas vezes, responsabilidades inadequadas à sua infância.

Durante o processo de educação musical, dentro da disciplina de Arte, surgiu a necessidade de colocar em prática o projeto, devido a vários fatores, tais como: duas horas de aula seguidas em uma mesma turma, uma quantidade considerável de alunos

que ainda não sabiam ler, a poluição sonora exacerbada dentro da sala de aula, etc. A partir dessas condições, planejei atividades que viessem a contribuir com a formação musical dos alunos, utilizando uma diversidade sonora tão rica, presente na escola.

Inicialmente, tive de me fazer ser ouvida, pois os alunos tinham por hábito falar alto ou até mesmo gritar, para se comunicarem. Isso me causava estresse, irritação e até pânico, afinal, nas minhas aulas com os adolescentes do Fundamental Anos Finais, a paz pairava, enquanto que ali as horas se estendiam num tormento ou tortura eterna. A sensação era de impotência, diante de criaturinhas tão indefesas. Como estratégia, pensei da seguinte forma: “- Combate-se o mal, com o bem; o fogo, com a água; o frio, com o calor; o ódio, com o amor... Conseqüentemente, o barulho, com o silêncio!” Usei, então, o silêncio até a minha presença ser percebida, numa espécie de vingança. Com isto, surgiu a curiosidade em saber o porquê do meu silêncio, afinal de contas, o silêncio em algumas ocasiões é torturante, gritante.

Vendo os alunos tranquilos e curiosos, comecei a falar num volume baixo, porém me fazendo ouvir por todos, informando sobre a poluição sonora e suas conseqüências, de certa forma até amedrontadora, quando enfatizada a questão da perda auditiva e a perda da voz, devido aos gritos. Concordamos em criar o nosso código de combate a esta poluição. Primeiro, enquanto houvesse barulho, a aula não começaria. Caso ele persistisse, o próximo passo seria a comunicação com o olhar, fixando-o discretamente em quem estivesse conversando, e por último, eu contaria de 1 até 3, simbolizando um pedido de silêncio.

Para minha surpresa, o nosso acordo foi levado a sério e cumprido, trazendo uma conscientização a respeito da poluição sonora no ambiente escolar, os seus prejuízos para a saúde e principalmente para o aprendizado. Além do mais, o acordo criado entre nós foi repassado pelos próprios alunos para os professores das turmas que começaram a usar a mesma prática, evitando assim o contraditório pedido de silêncio por meio de gritos. Desse modo, passou a ser comum a contagem de um até três, em outras aulas.

Com um clima propício à aprendizagem, devido à diminuição da poluição sonora, iniciamos um processo de percepção e escuta dos sons, identificando sons do ambiente interno e externo. Sendo os sons agora ouvidos e percebidos, os conteúdos puderam ser aplicados de forma mais proveitosa.

Atividades envolvendo desenhos de objetos representando a classificação dos sons foram empregadas com os alunos não-alfabetizados, como por exemplo, o desenho

do avião para representar o som forte e o desenho do vento para o som fraco, o desenho de um violão para o som agradável e o de uma britadeira para o som desagradável, dentre outros. Gravações de sons diversos, como sons da natureza (chuva, mar, animais etc.), de objetos (como sirene, celular) e de instrumentos musicais (piano, violino, entre outros), foram utilizados como ditado sonoro. Este funcionava a partir da compreensão e reconhecimento do som através de utilização de gravações (timbre, altura, intensidade e duração).

Os sons do corpo foram explorados e a partir deles criamos pequenas sequências rítmicas. A composição era escrita ou representada através de cores, sendo cada cor correspondente ao som de uma parte do corpo. Por exemplo: vermelho – palmas; amarelo – estalo dos dedos; verde – voz, dentre outros.

Assim, considerando o aspecto exploratório e da expressão corporal, sonora e verbal, nas atividades desenvolvidas buscou-se realizar vivências que propiciassem uma simplificação ao processo de musicalização, ou seja, de sensibilização à música, tornando-a acessível ao aprendiz, à sua construção e prática na forma mais lúdica e prazerosa. Nas palavras de Carvalho (2005), o conhecimento é o resultado de um processo de construção, modificação e reorganização utilizado pelos alunos para assimilar e interpretar os conteúdos musicais. A ação pedagógica deverá se ajustar ao que os alunos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem, para se constituir em verdadeira ação educativa.

Pautada nisso, realizei, assim, uma educação musical sob vivências do cotidiano. A partir de experiências ímpares e inovadoras, obtivemos como resultado uma importante aprendizagem composta por conscientização, apreciação, composição e, acima de tudo, construção do conhecimento musical. Essa experiência, podemos dizer que foi a preparação e o despertar para uma exploração musical mais consciente, refinada e significativa. Foi a partir dessa experiência que o trem passou a ser ouvido e valorizado, apreciado e aceito como parte da paisagem sonora, como uma ferramenta de construção educativa musical, num antagonismo onde se vence a ignorância com o conhecimento e onde nada se perde, mas tudo se transforma.

4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA: PERCEBER, APRECIAR, CONSCIENTIZAR E MUSICALIZAR!

Sabemos que, mesmo com o crescimento do campo da educação musical no Brasil, são poucos ainda os documentos, artigos, trabalhos, projetos, dissertações, teses e publicações voltados ao percurso histórico e ensino de música na educação básica, no que tange às práticas criativas ligadas à educação musical (não relacionadas à performance ou a autores e compositores), mas com o executar fundamentado, embasado, quebrando mais o paradigma do censo comum, onde o livre, o solto, o espontâneo (sem planejamento) prevalecia¹.

Para nós, atuantes na área da disciplina de Artes, independente das linguagens, seja nas Artes Visuais, na Música, na Dança ou no Teatro, enfrentamos cotidianamente problemas, dificuldades, intempéries, que em nada facilitam o nosso trabalho pedagógico em sala de aula. Porém, como acontece com todo professor de Artes no Brasil, o desafio, o plano B, C, D, (ou até o alfabeto inteiro), a adaptação, o improviso, dentre outras coisas, já dão início ao conhecimento dessa tão nobre área de conhecimento, do seu encanto, do seu poder, fascínio e relevância. Evidenciam que o professor de Artes, por natureza de escolha, já entra em cena como artista na sua própria atuação de mestre.

Partindo da minha experiência de mais de uma década como docente de escola pública, na disciplina de Artes, especificamente na área da educação musical, a proposta pedagógica surge como uma mostra de que não estamos sozinhos nesse campo de batalha. Significa que alguém como nós pensou, pesquisou, idealizou, planejou, executou, errou, acertou, mas acima de tudo compartilhou experiências, que, partilhadas, transformam-se em conhecimento (musical).

O conhecimento musical na escola é indispensável, entretanto é extremamente importante ressaltar que, junto com esse conhecimento musical, é necessário construir estratégias educacionais adequadas à realidade das escolas brasileiras, coerentes e condizentes ao contexto cultural e social do aluno, para que haja significação nesse conhecimento, auxiliando na formação de indivíduos criativos, sensíveis e aptos a

¹ Cf. Vídeo postado no YouTube com a palestra de Marisa Fonterrada no Congresso de Etnomusicologia, da USP, em 17/10/2014.

transformar a sua própria espécie, resgatando talvez uma essência que vem se perdendo. A humanidade.

De acordo com Carlos Granja (2010), o objetivo maior de uma educação musical numa sociedade deve ser menos o desenvolvimento de uma elite de músicos talentosos e mais o desenvolvimento da competência musical latente nas pessoas. A linguagem musical tem um potencial transformador enorme, pois é um conhecimento que valoriza o que há de mais humano nas pessoas: a emoção, o transcendental e a paixão. Musicalizar a escola é mais do que simplesmente introduzir a música como disciplina curricular. É pensar numa real integração entre as diversas áreas do conhecimento, de modo a harmonizar os diferentes saberes do ser humano. “Saber” remete a “sabor”, ao apreciar pelo gosto, pelos sentidos. Saber e sabor têm a mesma origem etimológica. É justamente essa comunhão entre o saber e o sabor, o conhecimento e o gosto, o entender e o perceber que faz da música um conhecimento essencial na escola (GRANJA, 2010).

Dentre os inúmeros percalços encontrados por alguns educadores, por exemplo, a falta de estrutura física adequada nas escolas, de material pedagógico, de apoio por parte da gestão, a violência e a indisciplina em sala de aula, a proibição de aulas práticas (principalmente de música, a fim de não causar incômodo, barulho nas outras aulas), a poluição sonora tem sido um dos problemas mais comuns nas escolas. Sabemos que criança é sinônimo de alegria, agitação, brincadeiras, gritos, risadas, movimento, barulho, música! Nas escolas brasileiras, o silêncio, a disciplina, a rigidez, a inércia, podemos dizer que é quase uma utopia, porque culturalmente somos vibrantes, sonoros.

Contudo, bem sabemos que a poluição sonora tem se tornado um problema de saúde pública. Estudos e pesquisas comprovam cada vez mais que o mundo tem se tornado barulhento; já não há mais um lugar silencioso (apesar de que não existe silêncio total; o nosso próprio corpo emite sons a partir do seu funcionamento).

Segundo o Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, poluição é o ato de poluir, é a degradação das características químicas ou físicas de um ecossistema, é a consequência do ato de sujar, corromper, degradar, no sentido físico ou não. O som, por sua vez, é vibração de presença e de ausência sob a forma de propagação ondulatória (WISNIK, 1989). Portanto, podemos definir, de forma simples e compreensível, que poluição sonora é uma agressão aos ouvidos (já que estes são os órgãos que captam toda e qualquer sonoridade, não podendo se fechar ou se proteger), é algo capaz de trazer danos, prejuízos, incômodo.

Infelizmente, em algumas escolas essa poluição é provocada por alguma fonte sonora (como o trem, na escola Berilo Wanderley), interferindo de forma contínua e permanente; em outras, a interferência é interna e a fonte sonora é a própria voz das pessoas. De qualquer modo, ambas são extremamente prejudiciais e a cada dia vem se tornando um dos fatores responsáveis pelo afastamento de professores de sala de aula, por problemas de perda de audição e problemas vocais (fendas, calos...), não obstante os outros danos, como estresse, insônia, hipertensão, palpitações, dentre outras doenças psicossomáticas.

Marisa Fonterrada, a respeito da poluição sonora, afirma:

Não se pode deixar de citar, nesse conjunto de atitudes, a prática da ecologia acústica, considerada área emergente. Efetivamente, é urgente a presença em sala de aula da discussão dos efeitos do som ambiental na vida humana. No entanto, ainda não está clara, a um professor que se acerque do termo pela primeira vez, a importância de sua presença na escola. É preciso, portanto, que se explicita a relação entre ambiente e qualidade de vida; a poluição sonora e os danos causados à saúde pela exposição a ambiente sonoramente poluído, a importância do resgate da qualidade auditiva, utilizando-se de exercícios específicos, a melhoria da percepção auditiva e propostas positivas de planejamento do ambiente sonoro e outros temas relacionados, para que a questão possa ser devidamente apreendida e valorizada. Também quanto a este aspecto, o trabalho inicial é com o próprio professor e com a escola, pois eles mesmos, talvez por desconhecimento, muitas vezes atuam como agentes poluidores (FONTERRADA, 2008, p. 268).

Em relação aos alunos, percebemos claramente outros prejuízos decorrentes da poluição sonora na escola, principalmente no que tange à aprendizagem. Cada vez mais tem sido difícil aplicar conteúdos, ensinar, dar uma aula organizada e planejada, por vários fatores, como superlotação nas salas, falta de ventilação, cadeiras e carteiras quebradas, acústica ruim, indisciplina. Todos esses fatores juntos favorecem a poluição sonora, por sua vez, provocada por alunos que gritam para se comunicar e professores que gritam para ser ouvidos. Por fim, os prejuízos envolvem o físico, o emocional e o intelectual.

Para a educação musical, dispomos de um conteúdo extenso, capaz de gerar subtemas que podem ser trabalhados desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio, de forma preventiva, informativa, educativa. Sendo o som a matéria prima ou o ingrediente básico para musicalizar, a importante percepção da paisagem sonora, partindo nesse caso do problema da poluição, surge como a primeira atividade do processo.

Na música, a *Percepção* ocupa um lugar central, seja na perspectiva do ouvinte receptor, seja na do músico intérprete e/ou compositor. O conhecimento musical de uma pessoa depende fundamentalmente do grau de refinamento da percepção. Essa percepção, contudo, não está desvinculada de um contexto de significação. A percepção ultrapassa a dimensão exclusivamente sensorial e se aproxima dos processos de cognição (GRANJA, 2010).

Ou seja, de acordo com Granja, a percepção antecede o conhecimento; é a premissa do processo de musicalização, pois vem aguçar os outros sentidos, que de forma interligada resultará na cognição. Com a percepção, o indivíduo é levado a se situar na sua capacidade de se perceber, como também de perceber o mundo à sua volta.

A percepção auditiva permite a captação de todos os sons audíveis, sejam agradáveis ou desagradáveis, sem filtro ou refinamento. Musicalmente, trata-se da forma de absorver essa matéria prima, o som, sem a capacidade de distingui-lo, compreendê-lo. É a matéria bruta. Por conseguinte, a *Apreciação* surge como o complemento da percepção. Podemos dizer que ela é a compreensão do que percebemos, ou seja, é o desenvolvimento de uma escuta ativa, é a capacidade de interessar-se pelo que se está ouvindo. Assemelha-se a diferenciação feita por Edgar Willems entre ouvir e escutar.

De acordo com Swanwick – autor do modelo de educação musical representado pela TECLA (Técnica, Execução, Composição, Literatura e Apreciação), traduzida para o português da sigla original CLASP – dentre esses cinco pilares acima citados, a Apreciação, a Composição e a Execução são primordiais dentro do processo de musicalização, pois as três se interligam, possibilitando um maior envolvimento e desenvolvimento musical, partindo da experiência que estas promovem. Porém, de acordo com o mesmo autor, “a apreciação é a primeira na lista de prioridades da atividade musical” (SWANWICH, 1979, p. 43).

Por meio da apreciação, a música se faz conhecer em todos os seus elementos constitutivos, como também incentiva o indivíduo a vivenciar os outros processos empíricos da educação musical.

Dentro do processo de musicalização, teoricamente falando, a percepção e a apreciação ocupam um lugar de base. Porém, o processo pode ser prejudicado por incidências como a poluição sonora, consequência do mau uso do elemento som. Quando a poluição sonora surge como um problema considerável, tornando-se

desfavorável para o ensino de música, logo resta-nos torná-la aliada, transformando-a em conteúdo musicalizador, percebendo-a, apreciando-a, e, principalmente, utilizando-a para conscientizar sobre o seu mal e reciclando-a para o bem musical.

De acordo com Gainza (1988, p. 23),

A criança em idade escolar não costuma escutar o som da música que ela mesma produz, grita quando canta e bate nos instrumentos, ao invés de tocá-los, a menos que tenha sido especialmente sensibilizada ou treinada para proceder de forma diferente, ou caso tenha ao seu redor modelos capazes de induzir comportamentos mais refinados que os correspondentes à sua idade. Energia física e afetividade estão intimamente entrelaçadas nela; gosta de explorar o mundo sonoro e manipula os sons espontaneamente.

Sabemos que, muitas vezes, erramos por falta de conhecimento, de esclarecimento a respeito de algo. *Conscientizar* é trazer a ciência, é deixar-nos cientes acerca do que antes desconhecíamos. Portanto, tratando-se da poluição sonora antecedendo a musicalização, primeiramente somos levados a conhecê-la através da percepção, a entendê-la sob a apreciação e a combatê-la por meio da conscientização. Quando nos tornamos conscientes, tornamo-nos sensíveis. Sensibilidade nada mais é que um estado favorável ao processo vivencial da música.

Musicalizar é tornar o outro sensível, apto a descobrir, construir, desconstruir a música, como um quebra cabeça formado por peças que se encaixam sonoramente. É simplesmente a descoberta de nomes, números, movimentos, vibrações e sensações, antes apenas vivenciadas através de “musiquinhas” e, agora, compreendidas por nomenclaturas e teorias, só que de uma forma lúdica e significativa, denominada educação musical. Uma educação musical sistematizada, mas não repressora; libertária, mas não ordinária; construtiva, mas não punitiva; planejada, mas não traumatizadora.

O ano letivo na Escola Municipal Professora Emília Ramos iniciou-se com uma greve, como sempre reivindicando melhoria nos salários, cumprimento de acordos e combinados referentes às greves passadas, mais investimento na educação, enfim, todos esses problemas comuns à educação brasileira. Depois de quase trinta dias parados, retornamos à escola com as mesmas promessas de sempre, com os dias de greve descontados no contracheque como faltas e, principalmente, com os mesmos problemas de sempre: poluição sonora, indisciplina, estrutura física inadequada, estresse, dentre outros.

No colégio Emília Ramos, a poluição sonora é um problema que se apresenta nos dois turnos - matutino e vespertino, durante a chegada dos alunos (acolhida), intervalo, durante as aulas (numa simples saída de sala de aula para o estacionamento, onde se realiza a aula de educação física) e saída dos mesmos, no término.

Os alunos chegam em ônibus alugados pela Prefeitura, que passam nos bairros próximos, trazendo-os para a escola. Durante a chegada, eles ocupam o pátio interno e sentam no chão, enumerado conforme a quantidade de salas de aula e as turmas. Enquanto isso, a direção ou coordenação da escola faz a "acolhida", dando os avisos referentes às aulas e em seguida é feita a oração do Pai Nosso e do Anjo Guardador. Após a acolhida, cada professor leva a sua turma para a sala de aula, fila por fila. Durante a acolhida e a chegada dos alunos em sala, até a acomodação de cada um na cadeira, o barulho é ensurdecedor. Ou seja, até se conseguir que todos sentem para começar a aula, são perdidos de dez a quinze minutos.

O barulho de gritos dos alunos, durante o intervalo principalmente, é tão forte e ensurdecedor, ultrapassando paredes e porta da sala dos professores, que é necessário o uso de caixa de som e microfone pela direção da escola, para o repasse de informações ou avisos. A situação é tão crítica e ao mesmo tempo cômica (se não fosse trágica), ao ponto de um dos professores utilizar bolinhas de papel higiênico para tampar os ouvidos e amenizar assim aquele momento desesperador, que nos dá vontade de sair correndo dali o mais rápido possível. Enfim, é uma cena cotidiana, um problema diário que enfrentamos, tão desgastante que para nós os vinte minutos de intervalo não são de descanso e sim de descaso.

Vi então que, ao contrário da outra escola, onde o trem era o causador da poluição sonora e só passava de trinta em trinta minutos, soando por apenas alguns segundos, tínhamos ali uma poluição sonora causada não por uma máquina ou transporte (que em nada podia ser modificado), mas por crianças, com uma maior duração e intensidade, com o diferencial ou vantagem de serem educadas, informadas, conscientizadas a respeito do problema. Estávamos lidando com vidas, com a possibilidade de transformação, ou melhor, com ações que provocariam mudanças.

Mudanças que se refletiriam no modo de pensar, agir, falar, como também no processo educativo de musicalizar, sem, no entanto, descaracterizar ou des-culturar, mas sim, reciclar o que, muitas vezes, é desperdiçado numa construção do saber musical, conforme o pensamento de Maura Penna.

A musicalização, portanto, não deve trazer um padrão musical exterior e alheio, impondo-o para ser reverenciado, em contraposição à vivência do aluno. A cultura do oprimido – tantas vezes desconhecida, tida como não representativa, como totalmente determinada pela indústria cultural – é complexa e multifacetada, integrando elementos de conformismo e resistência. As diversas manifestações musicais, mesmo quando baseadas em estruturas mais simples, são sempre significativas, no contexto de vida de seus produtores (PENNA, 2012, p. 45).

O primeiro passo dado ou a primeira ação na Escola Municipal Emília Ramos foi por meio da percepção. Como dizem sempre, quem está de fora vê melhor as coisas. Neste caso, ouve melhor!

Passei então a gravar, por meio de celular, toda a poluição sonora que acontecia na escola, nos períodos descritos anteriormente.

Nossa primeira atividade foi de *percepção* sonora, ouvindo os áudios gravados. E que descoberta! Todos eles ouviram atentamente e por aqueles minutos o silêncio imperou, dando lugar àquilo que eles mesmos produziam e nunca haviam se dado conta. Após a escuta, discutimos a respeito do que havíamos ouvido, tendo como ponto de partida perguntas como:

- Esses sons são agradáveis? São fortes? O que vocês conseguem identificar? Esses sons são externos ou internos à escola? São sons produzidos por quem? Eles incomodam? Vocês já tinham percebido todos esses sons na escola, todos os dias? Em qual das gravações o som é mais forte e incômodo (acolhida, intervalo ou saída dos alunos).

Depois da conversa, demos início ao conteúdo teórico explicando o que é som, como ele se propaga e chega até nós, no que som e música se relacionam, até chegarmos ao tema principal: poluição sonora.

O próximo passo ou atividade foi de *apreciação/exercício de atenção auditiva* da poluição sonora, sem a gravação, mas na medida em que acontecia durante a nossa aula, registrando por meio do desenho tudo que compunha aquela paisagem. Com os desenhos feitos, tal como um registro fotográfico, constatamos que dentre todos os barulhos (alunos correndo, cadeiras sendo arrastadas, ventilador estridente), o que mais se acentuava eram os gritos agudos e fortes dos alunos. Nessa atividade, todos tiveram a atenção redobrada, pois havia uma disputa natural de quem conseguiria ouvir mais sons possíveis.

Introduzimos as qualidades ou parâmetros do som – altura, intensidade, duração e timbre, sutilmente, de modo que eles classificavam os sons ouvidos de acordo com o linguajar utilizado cotidianamente. O som agudo era identificado como fino; o grave, como grosso, até eles aprenderem a forma adequada de classificar, como também a que parâmetro correspondia cada classificação. O exercício passou a ser rotineiro e lúdico, numa espécie de jogo, quando eles mesmos passaram a classificar a voz do colega ou até mesmo de alguém que vinha dar um aviso na sala. Passaram também a reconhecer a poluição sonora, quando, por exemplo, passava um carro de som na rua da escola.

Com os ouvidos mais refinados, fizemos um ditado sonoro, com o uso de um CD com vinte e quatro sons variados (sons de objetos, animais, natureza, instrumentos musicais...). Os alunos ouviam, identificavam e desenhavam a fonte sonora que estava produzindo aquele determinado som (timbre). Esse exercício foi associado ao desenho, favorecendo os alunos que não sabiam ler ainda, sem constrangê-los, já que todos fizeram o mesmo exercício, alfabetizados ou não. Alguns dos sons foram selecionados para serem classificados também conforme a altura, a intensidade e a duração. O uso das setas, utilizado nas atividades com os alunos da Escola Municipal Berilo Wanderley, também foi adaptado para a classificação desses parâmetros sonoros. Nesse exercício foi possível identificar alguns sons que poderiam ser poluição sonora, dependendo da intensidade e do local onde estivesse sendo produzido, por exemplo, o som do avião próximo a residências.

Vimos então que a *conscientização* a respeito do problema da poluição sonora na escola já estava favorável a acontecer, pois eles já o haviam percebido, identificado e aprendido sobre ele.

Para o processo de conscientizar os alunos, nada melhor do que o uso de recursos tecnológicos, um decibelímetro, captando e medindo a frequência sonora da escola, tal como um termômetro indicando que algo está errado quando uma temperatura corporal ultrapassa os 38° de febre. O aparelho foi apresentado, teve seu funcionamento demonstrado e foi utilizado durante as aulas. Com ele, identificamos que apenas com o ventilador da sala ligado, sem vozes e demais barulhos, chegava-se a 75 dB. Durante os períodos de mais poluição sonora, como o intervalo, o aparelho mediu 110 dB.

Com isso, apresentamos um gráfico indicando alguns sons com as suas medidas em decibéis e, principalmente, o valor que é considerado prejudicial à nossa audição e

saúde, em geral, que é de 80 dB – equivalente ao som de um caminhão. Ou seja, na escola recebemos uma carga sonora, diariamente, acima do permitido, refletindo em vários prejuízos para alunos, professores e funcionários, constatado pelos estudantes.

A partir desses dados, criamos um grupo de voluntários entre as duas turmas de terceiro ano, nomeado Agentes Contra a Poluição Sonora (ACPS). Esses alunos se destacaram pelo interesse sobre o assunto, como também a iniciativa de se prontificarem no combate ao problema.

Com esses alunos, em torno de dez por turma, fizemos uma espécie de treinamento, a partir do qual eles receberam orientações e informações mais detalhadas para que pudessem repassar, durante o intervalo, o que havia sido aprendido. Isso era feito por tais alunos com a formação de pequenos grupos para a leitura da cartilha sobre a poluição sonora, como também utilizando-se o decibelímetro na medição sonora e orientando sobre a necessidade de evitar o barulho desnecessário na escola. Esses alunos também ficaram incumbidos de chamarem a atenção dos colegas de classe, caso estivessem causando poluição sonora em outras aulas, que não fossem na disciplina de Artes. Os ACPS, durante as minhas aulas em outras turmas (1º, 4º ano), fizeram visitas educativas, ou seja, explanaram em poucas palavras a respeito do assunto, mostrando também os cuidados para se evitar a poluição sonora e os danos causados pela mesma no ambiente escolar.

A experiência foi bastante proveitosa, pois, por serem alunos e crianças da própria escola no papel de educadores, a atenção e a curiosidade eram bem nítidas no olhar de cada um, afinal de contas havia um representante da classe estudantil e infantil falando sobre “coisas sérias”. Talvez por essa razão, o assunto “poluição sonora” acabou se tornando comum entre os meus alunos, a ponto de eles classificarem qualquer barulho como tal, e também de repreenderem os colegas que estavam falando numa intensidade forte.

Dando o início ao processo de *musicalização*, de forma mais teórica, utilizamos a audição de vários ritmos musicais (levando em conta os gostos e estilos mais apreciados por eles). A cada música ouvida, era marcada a pulsação com palmas, ou caminhando, marcando o tempo forte com o pé direito, sendo trabalhadas, desse modo, a percepção e a apreciação musicais. Além da pulsação, trabalhamos também o som e o silêncio, cantando as músicas e fazendo silêncio quando o som era diminuído, acompanhando mentalmente e retomando quando o som era aumentado. A dinâmica

musical também foi exercitada, quando na letra das músicas escritas no quadro, era colocado P indicando piano e F para forte ou os sinais <> (crescente e decrescente).

As notas musicais foram apresentadas através da música “Noviça Rebelde” e “Minha Canção”, dos Saltimbancos. Com essas canções, a Escala Ascendente e a Descendente tornaram-se familiares, a ponto de trabalharmos as notas de forma salteada, de acordo com o que era sinalizado.

Utilizamos também a representação gráfica, com símbolos ou sinais, alternando som da voz e som do corpo nas músicas cantadas, sempre marcando a pulsação, sem perder o andamento e mantendo o ritmo característico de cada música. Por exemplo, a Noviça Rebelde, cantávamos da seguinte forma (sem o uso de muitos sinais, para não confundi-los):

DÓ, palmas (desenho da mão)

RÉ, batendo os pés (desenho do pé)

MI, batendo na coxa (desenho de um retângulo)

FÁ, estalando os dedos (desenho de um círculo)

SOL, estalando a língua (desenho de um quadrado)

LÁ, SI (repetindo a sequência acima).

Com o corpo, extraíndo seus variados sons, criamos pequenos compassos (binário, ternário e quaternário). Executamos com o grupo um coral de sons corporais, e fizemos inclusive cânone (dois grupos), incluindo pausas entre os sons, numa alternância de sons e silêncio.

A respeito da musicalização, Maura Penna nos diz que: “o ser sensível à música” não é uma questão mística ou de empatia, não se refere a uma sensibilidade dada, nem a razões de vontade individual ou de dom inato. Trata-se, na verdade, de uma sensibilidade musical adquirida, construída num processo – muitas vezes não consciente – em que as potencialidades de cada indivíduo (sua capacidade de discriminação auditiva, sua emotividade etc.) são trabalhadas e preparadas de modo a reagir ao estímulo musical. Se o educador acreditar que a questão da sensibilidade é dada ou de berço, ou que, em termos de música, “não há nada para entender, basta escutar”, então tornará inútil o seu próprio trabalho (PENNA, 2012, p. 31, 32).

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte / educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BASTIAN, Hans Günther. *Música na escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.
- DALBÉRIO, Osvaldo; DALBÉRIO, Maria Célia Borges. *Metodologia Científica: desafios e caminhos*. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Educação Superior).
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2 Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicopedagogia musical*. São Paulo: Summus, 1988.
- GAINZA, Violeta Hemsy de. *La educación musical entre dos siglos: del modelo metodológico a los nuevos paradigmas*. Victoria-Buenos Aires: Universidad de San Andrés, 2003.
- GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. 2. Ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.
- LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- PENNA, Maura. *Música (s) e seu Ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- SCHAFER, Murray. *O Ouvido Pensante*. Trad. Marisa Fonterrada et all. São Paulo: UNESP, 2001.
- SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo, Moderna, 2003.
- _____. *A Basis For Music Education*. London: Nfer-Nelson, 1979.

ANEXOS

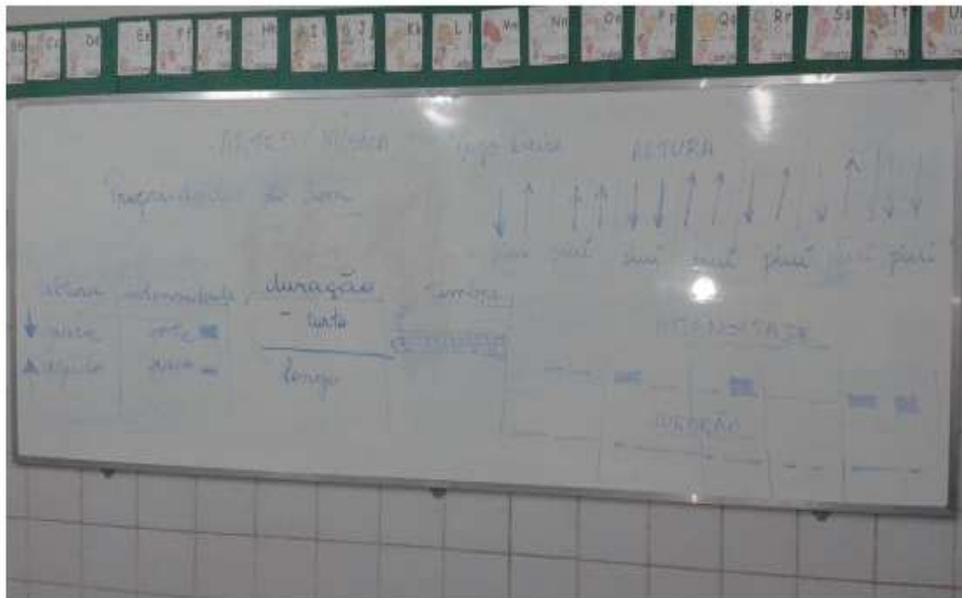
RECICLAGEM DO SOM: o início de tudo...



O trem musicalizador?!









POLUIÇÃO SONORA: perceber, apreciar...





POLUIÇÃO SONORA: conscientizar e musicalizar!





